

# Fartura no recreio

*Escolas de Macapá melhoram a oferta e o sabor da merenda e ainda impulsionam o comércio e os serviços em seu entorno*

Quando tem vatapá com charque ou vitamina de banana na merenda da Escola Municipal Amapá, em Macapá, a ordem na cozinha é reforçar a receita. As 300 crianças que freqüentam o colégio fazem fila para se servir de novo. O cardápio da escola, feito sob a supervisão de uma nutricionista, também inclui peixe e camarão frescos, farinha de tapioca, açaí e outras frutas amazônicas, ingredientes fartos na região e familiares ao paladar da criançada. A Escola Amapá tem hoje 30% mais alunos que há dois anos. “A merenda teve

um papel fundamental para segurar os alunos”, garante o diretor, Alcides de Oliveira. Antes, a comida servida era repleta de enlatados trazidos de outras regiões do país, como sardinha, salsicha e almôndega. “Eu odiava a merenda”, conta o estudante Ari, de 14 anos. “Almôndega enlatada, então, nunca suporrei. Eu ia pra casa com fome.” E para que a criança vai para a escola se volta com fome? Essa era uma pergunta comum entre famílias pobres, que se sentiam pouco estimuladas a mandar os filhos ao colégio. Hoje, muitos alunos que haviam sumido voltaram.

A merenda regionalizada é uma das pontas do projeto Caixa Escolar, criado pela prefeitura de Macapá em 2002. A idéia é simples: consiste em repassar diretamente às escolas as verbas destinadas à compra de alimentos ou ao pagamento de prestadores de serviços eventuais. A administração descentralizada faz com que os recursos rendam mais. No caso da merenda, isso garante um cardápio de qualidade, a custo reduzido – há escolas que racionalizaram os gastos a ponto de servir uma refeição extra aos alunos, o café-da-manhã. “A com-

Fotos: Louise Sottomaioir



**A merenda saborosa, feita com produtos regionais, reduziu a evasão escolar**



## Orgulho de pilotar o fogão

O trabalho aumentou, mas isso é motivo de orgulho para a merendeira da Escola Municipal de Ensino Fundamental Amapá, **Isaura Andrade da Silva**, paraense de 34 anos. Desde o advento do programa Caixa Escolar, o colégio substituiu itens industrializados por produtos regionais, como suco de frutas, vatapá, açai e tapioca. “Antes era mingau de arroz ou suco de saquinho com bolacha”, explica ela. “As crianças desperdiçavam ou nem comiam.” A imagem das crianças mais felizes e bem nutridas é a maior satisfação de

Isaura. “Hoje eu tenho orgulho de ser merendeira. Escolho o cardápio da semana com a nutricionista. Mas o melhor é que eu vejo as crianças comendo tudo. É a maior luta pra repetir o prato”, regozija-se. Isaura tem duas filhas, uma de 6 e outra de 13 anos, que estudam na escola – e comem a merenda que a mãe prepara. “Minha filha mais nova pergunta o que vai ter pra merendar e grita *oba*”, alegra-se. Isaura também viu o bairro se desenvolver. Além da alimentação comprada nos mercados locais, os pequenos serviços realizados por profissionais das proximidades aumentaram a renda dos seus vizinhos, parentes e amigos. “Todo mundo se envolve e tem orgulho de morar no bairro.”

pra de menores quantidades e sem intermediários garante o preço justo e evita a deterioração de alimentos”, diz o prefeito João Henrique Pimentel, do PT.

O projeto Caixa Escolar também busca beneficiar a comunidade que vive e trabalha nas cercanias da escola, como feirantes, pescadores, comerciantes e autônomos. A prefeitura recomenda que as compras e a contratação de serviços sejam feitas no próprio bairro, para impulsionar a economia local. Alguns dos serviços ficam a cargo de pais de alunos. “Temos uma lista das atividades exer-

cidas pelos pais”, diz Oliveira, o diretor. “Mas o fato de ser pai não favorece a contratação. Precisamos ter três orçamentos diferentes, para escolher o que mais vale a pena.”

A integração de políticas é fundamental para estimular o desenvolvimento de Macapá, cidade que reúne 60% da população do Estado. A população cresceu 6% em 2002, devido à alta taxa de natalidade (3,4 filhos por mulher) e a migrações oriundas do interior do Amapá e de Estados do Norte e Nordeste. Há poucas indústrias e a produção no campo é incipiente, num território com 98% de

florestas habitadas por oito etnias indígenas pouco populosas. Mas os migrantes continuam a chegar.

Embora a concepção do Caixa Escolar seja simples, não foi fácil fazê-lo funcionar. A iniciativa é a reedição de um malogrado projeto que o governo estadual do Amapá, administrado por uma coligação PSB-PT, tentou implantar em 2000. Como as escolas não estavam preparadas para a administração dos recursos, chegou a faltar merenda. A prefeitura tirou lições do fracasso. Em 2001, diretores, professores e pais de alunos receberam treinamento em gestão escolar. Aprenderam a tomar decisões e a prestar contas. Em abril passado, o Caixa Escolar rendeu à prefeitura de Macapá o Prêmio Prefeitura Empreendedora, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

*Louise Sottomaior, de Macapá*

